

O PROCESSO DA DERIVAÇÃO FRASAL NAS FRASES DINÂMICAS DO PORTUGUÊS ESCRITO CONTEMPORÂNEO DO BRASIL¹

Sebastião Expedito IGNÁCIO²

- RESUMO: O trabalho apresenta uma descrição sintático-semântica das principais estruturas derivadas das frases dinâmicas do português escrito contemporâneo do Brasil, e discute os vários processos e circunstâncias em que se realizam as derivações.
- PALAVRAS-CHAVE: Frase primitiva; frase derivada; processos sintáticos; caso semântico; frase ativa; frase processiva; frase ativo-processiva.

1. Conceito de estrutura derivada

A caracterização de uma estrutura como *derivada* vai depender, evidentemente, do que se entende por estrutura *primitiva*. Por *primitiva*, entendemos a estrutura que, do ponto de vista lógico-semântico, num plano subjacente, ou que, do ponto de vista dos padrões sintáticos da língua, num plano de superfície, *preceda* (dê origem a) uma outra, a que estamos denominando *derivada*.

Focalizaremos neste artigo as derivações que se operam pela mobilização dos papéis semânticos que se alternam na função sintática de Sujeito, a partir dos seguintes esquemas primitivos:

- a) Frases *processivas*: Paciente/Experimentador/Objetivo + Verbo ± Paciente (Pac/E/Ob + V ± Pac);
- b) Frases *ativo-processivas*: Agente/Causativo + Verbo + Paciente ± Instrumental (Ag/Ca + V + Pac ± I).

Cumprir lembrar que nem sempre o fenômeno da derivação implica mudança da tipologia frasal da estrutura primitiva.

1. Este artigo relata parte dos resultados de pesquisa financiada pelo CNPq.

2. Pesquisador aposentado (POA) do CNPq junto ao Curso de Pós-Graduação em Letras (Área de concentração: Linguística e Língua Portuguesa) da Faculdade de Ciências e Letras – UNESP – 14800-901 – Araraquara – SP.

Seja, por exemplo, a estrutura subjacente prototípica das frases ativo-processivas $Ag + V + Pac + I$, cujos *casos semânticos* correspondem, pela ordem, às funções sintáticas de Sujeito, Objeto Direto e Complemento Circunstancial, e que permite as seguintes derivações, conservando-se a mesma tipologia frasal

- a) $Ag + V + Pac + \emptyset$
- b) $I + V + Pac$
- c) $I + V + \emptyset$

Note-se que o caso semântico colocado à esquerda do verbo passa a exercer a função de Sujeito

Exemplificando

- (1) *Raimunda* (Ag) matou *Serafim* (Pac) com uma *arma antiga* (I) (= estrutura primitiva)
- Raimunda matou Serafim (= derivação a)
 - Uma arma antiga matou Serafim (= derivação b)
 - Uma arma antiga também mata (= derivação c)

Em alguns casos, dependendo da natureza do verbo, a derivação pode dar origem a um tipo frasal diverso do primitivo. E o caso, por exemplo, do verbo “abrir”, que, compondo primitivamente uma frase *ativo-processiva*, permite uma derivação em que o Paciente ocupa o lugar de Sujeito, produzindo uma frase *processiva*. Assim, a partir de

- (2) Alguém abriu a porta (frase ativo-processiva)

tem-se

- A porta abriu (frase processiva)

Outros exemplos

A partir da estrutura *processiva* cujo esquema seja $Pac + V + Loc$ (Paciente + Verbo + Locativo), tem-se as seguintes derivações

- a) $Pac + V + \emptyset$
- b) $Loc + V + Pac$
- c) $Loc + V + \emptyset$

Por exemplo

- (3) *A água* (Pac) pingava *da torneira* (Loc) (= estrutura primitiva)
- A água pingava (= derivação a)
 - A torneira pingava água (= derivação b)
 - A torneira pingava (= derivação c)

Além desses fenômenos que envolvem os *casos profundos*, as derivações resultam também dos “rearranjos” das próprias funções sintáticas de superfície, como, por exemplo, o Adjunto Adnominal da forma $de + N$, que, por alçamento, passa à função de Sujeito. Por exemplo, a partir de

(4) A perna de João quebrou

tem-se:

- João quebrou a perna.

É interessante observar que, neste caso, temos uma estrutura pseudo-ativo-processiva, uma vez que o Sujeito (João) não é, do ponto de vista lógico, o Agente da ação. Faltando-lhe a característica básica deste papel semântico, que é a *voluntariedade*, ele representa, aí, o Paciente do processo verbal. Trata-se, pois, de uma frase processiva com estrutura de superfície semelhante a de uma frase ativo-processiva do tipo:

(5) João quebrou o vaso.

2. Embasamento teórico da descrição

Orientam este trabalho alguns pressupostos básicos: (i) a derivação frasal resulta da *focalização* (*topicalização*) de determinados constituintes; (ii) essa *focalização* se realiza, sintaticamente, com a predominância dos expedientes sintáticos de *alçamento*, *apagamento*, *condensação* (no âmbito das relações intrafrasais); *apagamento*, *condensação*, *relativização* (no âmbito das relações interfrasais);³ (iii) o processo da derivação não se realiza aleatoriamente, mas segundo determinadas regras e condicionamentos sintático-semânticos que vão desde a natureza valencial dos constituintes até a conseqüente relação de predicação que determina a natureza dos papéis semânticos.

O primeiro pressuposto nos leva a não perder de vista o que Fillmore (1977) chamou *foreground*. Assim, os conceitos de "cena" e de "perspectiva" têm de ser levados em conta (adaptados, evidentemente, aos propósitos de trabalhar com as estruturas sintagmáticas de superfície, no âmbito da frase). Todavia, é necessário que se tenha o devido cuidado no sentido de se evitarem as incursões por uma análise meramente interpretativa, ou até mesmo intuitiva, em que se procure debitar à conta das intenções ou necessidades do falante todos os fenômenos de *focalização* ou *topicalização*, sem atentar para o fato de que tais fenômenos obedecem também a regras de natureza sintático-semânticas bem-definidas.

Entendemos que a *topicalização* está intimamente relacionada com os fatores de natureza psicológica na realização da frase. Cumpre atentar, porém, para o fato de que uma descrição adequada das diversas possibilidades de realização da estrutura frasal não pode contentar-se com os aspectos meramente psicológicos, ainda que

3. Trataremos aqui das derivações intrafrasais.

estes não se possam descartar. Paul (1970), por exemplo, legou-nos uma excelente contribuição para o estudo da frase; todavia, ao dizer que ela *simboliza o fato de que várias representações se uniram e se conjugaram na consciência daquele que fala e constitui o instrumento para que esse processo se realize na consciência daquele que ouve*, ele se preocupou com o fenômeno eminentemente psicológico da realização dessa unidade de comunicação. E embora a consideração da *intenção*, ou *propósito definido do falante*, segundo Gardiner (1963), seja relevante para a explicação da maioria dos fenômenos responsáveis pela *derivação frasal*, este constitui apenas um dado extralingüístico a ser visto como suporte do condicionamento “psico-lógico” da realização da estrutura lingüística.

Tendo em vista a hipótese básica do trabalho, o estudo nos conduz a um tratamento especial da função *Sujeito*, uma vez que a maior parte das derivações se realiza pela alteração dos *papéis semânticos* na posição de *Tópico* (= *Sujeito*). Para Gardiner (*op. cit.*), a explicitação do *Sujeito* se realiza “por causa do ouvinte” (*for the sake of the listener*), fato que nos levaria a priorizar um estudo que se situasse no plano *onomasiológico*, ou seja, do ponto de vista da produção lingüística, caso nos dispuséssemos a detectar as causas de natureza psicológica da topicalização daquele constituinte oracional. Como pretendemos descrever os fatores exclusivamente lingüísticos com base na observação das estruturas realizadas, partimos então do ponto de vista *semasiológico*. Dessa forma, mereceram nossa preocupação básica o estudo dos *expedientes*, ou *processos sintáticos*, bem como dos *papéis semânticos* ou *casos*, que entram em jogo na derivação frasal.

Seria tratar do trivial dizermos, por exemplo, que um *Locativo* (L) ou um *Instrumental* (I) podem ocupar a posição de *Sujeito*, devido a um processo de topicalização. Todavia estaremos avançando a análise, no sentido de torná-la mais produtiva, ao procurarmos descrever as *condições sintático-semânticas em que esta segunda ordem se estabelece*. Por essa razão, o analista não deve contentar-se apenas com a descrição estrutural das frases derivadas mas ir além, buscando detectar as circunstâncias (condições) em que ocorrem tais derivações, seja em virtude da natureza dos papéis semânticos dos constituintes, seja em virtude das relações sintáticas e até da dimensão pragmática.

Ao perfilar o “princípio da centralidade do verbo”, quando se propõe um estudo sintático-semântico da frase, torna-se necessário, evidentemente, que se tenha como suporte teórico a *gramática de casos*, base das relações de predicação semântica, e a *gramática de valências*, que trata das relações de dependência (“previsibilidade”) semântica, sintática e pragmática entre os constituintes oracionais. A *gramática de valências*, acasalando-se à *gramática de casos*, vem, pois, permitir uma descrição mais abrangente das relações de dependência que se estabelecem entre o verbo, como centro estrutural da frase, e os demais constituintes, seja no plano sintático – v.g. os *actantes*, segundo Tesnière (1966) –, seja no plano semântico – v.g. os *casos*, segundo Fillmore (1968, 1969, 1977), Cook (1979) e Chafe (1970).

4. Cena e perspectiva

Os conceitos de *cena* e de *perspectiva* (Fillmore, 1977) serão levados em conta, uma vez aventada a hipótese de que a *focalização* ou *topicalização* de determinado elemento propicia uma *derivação*. Cite-se o exemplo clássico do verbo "abrir", que pressupõe uma *cena* da qual participam: um Sujeito Agente, um Objeto Paciente (capaz de ser aberto/fechado) e, eventualmente, um Instrumental. Dependendo da perspectiva em que se veja a cena, isto é, do fato de se colocar em *primeiro plano* um ou outro participante, ter-se-á como Sujeito o Ag, o Pac, ou o I:

(6) *Alguém* abriu a porta com a chave;

- *A porta* abriu;
- *A chave* abriu a porta.

Parece ser de natureza psicológica o fato de se colocar em evidência o todo em detrimento das partes. É o caso, por exemplo, já citado acima, do adjunto adnominal da forma *de + N* que se alça a Sujeito. Daí serem comuns derivações do tipo:

(7) O pneu *do carro* furou.

- *O carro* furou o pneu.

O mesmo fenômeno ocorre com o alçamento do Locativo em frases como:

(8) O óleo vasava *do avião*.

- *O avião* vasava óleo.

4. Casos semânticos e expedientes sintáticos

A hipótese de que a derivação frasal está intimamente relacionada com a teoria das valências nos levou a investigar, de maneira especial, os principais *casos semânticos* que aí entram em jogo, bem como os *expedientes*, ou *processos sintáticos*, que são acionados. Na verdade, a derivação que propomos descrever se resume na *movimentação* de determinados papéis semânticos (Agentivo, Instrumental, Causativo, Locativo) na estrutura sintática de superfície. Essa *movimentação* se realiza mediante determinados processos: *topicalização*, *alçamento*, *apagamento* etc.

Considerando-se que, segundo os dados levantados, a grande maioria das estruturas derivadas apresenta ora o deslocamento, ora o apagamento dos argumentos que ocupam as posições de Sujeito e de Complemento, investigamos, em primeiro lugar, os casos semânticos correspondentes a essas funções sintáticas. Dado o maior número de incidência, estudamos, especificamente, os seguintes:

a) *Agentivo* (Ag) – o *instigador* da ação verbal, caracterizado em nosso trabalho como o actante *+ativo*, *+animado*, *+volitivo*, *+manipulador*. O Ag tem função sintática

exclusiva de Sujeito, se a oração estiver na voz ativa; todavia, nas estruturas ativo-processivas o item léxico que o representa pode rebaixar-se à função de Adjunto Adnominal, caso haja o alçamento do Instrumental. Por exemplo:

(9) *Fernando* persuadiu o povo com seu discurso falaz.

- O discurso falaz *de Fernando* persuadiu o povo.

Tanto esta derivação quanto a que decorre da topicalização do Pac (*o povo*), formando a voz passiva, são possíveis uma vez que, do ponto de vista lógico-semântico, o papel temático de Ag ou permanece ou se pressupõe:

- O povo foi persuadido por Fernando com o seu discurso falaz / pelo discurso falaz de Fernando.

b) *Instrumental* (I) – o *meio material* pelo qual se realiza a ação. Constitui a *causa mediata* e se caracteriza essencialmente pelo traço + *manipulado*. A sua presença pressupõe a existência de um Ag (presente ou apagado). Nas frases ativo-processivas se alça à posição de Sujeito, quando topicalizado (v.g. os exemplos acima), por se constituir num Argumento (A), ou seja, por preencher a valência verbal. Em sendo um caso “de superfície”, não se alça, daí a impossibilidade da derivação a partir de frases ativas como:

(10) A criança come com *esta colher*.

- **Esta colher* come.

Outra hipótese da impossibilidade de se ter um Instrumental alçado a Sujeito com verbos de ação (frases ativas) é o fato de ser ele uma *causa mediata*, isto é, sempre pressupõe um Ag (*causa imediata*) que deve vir sempre expresso nas estruturas com verbos de ação. E, segundo a regra já consagrada, *na frase onde houver um Ag este será o Sujeito*.

c) *Causativo* (Ca) – o *causador* ou *desencadeador* de uma ação verbal. Distingue-se essencialmente do Ag pela ausência dos traços *volitivo* e *manipulador*. Distingue-se do I por ser -*manipulado*, e por não pressupor um Ag. Em posição de Sujeito, exclui o Ag e o I. Por exemplo:

(11) *Os acontecimentos em Brasília* geram inquietação.

O Ca, na função de Sujeito, compõe frases ativo-processivas, que admitem as seguintes derivações:

a) o apagamento do complemento Paciente, com o traço +*afetado*, quando o verbo admite uma generalização:

(12) *A fome* mata mais pessoas do que a guerra.

A fome mata mais do que a guerra.

b) quando o verbo lexicaliza o *processo*, a derivação implica uma transformação da estrutura *ativo-processiva* em uma estrutura *processiva*:

(13) *O sol* secou a madeira.

- A madeira secou com o *sol*.

c) caso o verbo lexicalize a *ação*, só será possível a derivação com verbo de significação oposta:

(14) *O sol* matou as plantas.

- As plantas morreram com o *sol*.

Neste caso, o Ca “o sol”, que constitui um Argumento (faz parte da valência do verbo “matar”), passa a um *caso* de superfície (de realização não obrigatória) na estrutura com o verbo “morrer”.

d) *Locativo* (Loc) – representa o *lugar de realização* da ação/processo verbal ou meramente o *lugar de referência* numa relação estativa. Interessa-nos aqui apenas o caso que representa o lugar *onde/donde*, em frases processivas. Ex.:

(15) Faz muito calor *em Brasília*.

(16) A água pingava *da torneira*.

Por topicalização do Loc, são possíveis as seguintes derivações a partir destas estruturas:

a) a partir de (15) é comum, em linguagem espontânea:

- *Brasília* faz muito calor.

b) a partir de (16), podem ocorrer duas derivações: (i) a troca de funções sintáticas entre o Objetivo Sujeito (que passa a Objeto Direto, por rebaixamento) e o Loc Complemento de Lugar (que passa a Sujeito, por alçamento), e (ii) o apagamento do Ob após o rebaixamento:

- A torneira pingava água.
- A torneira pingava.

Cabe destacar que *topicalização*, em sentido restrito, consiste no *alçamento* de qualquer constituinte oracional à função de Sujeito. Em sentido amplo, consiste na *focalização* – destaque ou realce – de qualquer elemento que compõe uma “cena”. O processo se afigura como um dos mais relevantes, uma vez que, por hipótese, temos que ele subjaz a todo mecanismo de derivação frasal. Quando se considera a ocorrência do fenômeno no âmbito pragmático, fica evidente o fator psicológico que o determina. Todavia, como já frisamos, o nosso propósito vai além dessa constatação: pretendemos detectar os condicionamentos semântico-sintáticos em que ocorrem as derivações.

Além dos processos sintáticos referidos acima (*alçamento*, *rebaixamento*, *apagamento* e *topicalização*) merece destaque a *condensação*, que consiste na *fusão* ou na *conjunção* de dois ou mais elementos. No primeiro caso, os elementos se “fundem” numa única forma de plural; no segundo, eles se coordenam, numa estrutura mais simples. Por exemplo:

(17) *Pedro brigou com seu irmão Fernando.*

- *Os irmãos brigaram. (Fusão)*
- *Pedro e Fernando brigaram. (Conjunção)*

Este tipo de derivação foi possível pelas seguintes razões: (i) os constituintes (Sujeito e Complemento) possuem o mesmo traço semântico (*atividade*), por isso podem exercer os mesmos papéis temáticos; (ii) participam de uma estrutura *reversível*, onde o Complemento se constitui num Agentivo eventual: *Pedro brigou com Fernando / Fernando brigou com Pedro*; (iii) o Complemento faz parte da valência do verbo e, na dimensão pragmática, passa a pertencer ao mesmo nível hierárquico do Sujeito.

5. Conclusões

Algumas conclusões, ainda que provisórias, se podem tirar a partir dos casos aqui apresentados:

- a) o fenômeno da *topicalização* é responsável pelas derivações, cujo processo consiste no *alçamento* de uma função sintática, hierarquicamente inferior, à posição de Sujeito. Tal fenômeno se deve à intenção do falante de colocar *em primeiro plano (realçar)* um determinado constituinte da oração;
- b) a derivação obedece aos princípios da hierarquia e da exclusividade das funções semânticas. Assim:
 - (i) numa estrutura ativo-processiva, onde haja um Agentivo, só será possível a derivação com o apagamento deste. Por exemplo:
 - (1) Raimunda matou Serafim com uma arma antiga.
 - Uma arma antiga matou Serafim.
 - (2) Alguém abriu a porta.
 - A porta abriu.
 - (ii) nas estruturas ativas, onde o apagamento do Ag é impossível, a derivação ocorre por *condensação* dos Argumentos (Sujeito + Complemento), se a frase for *reversível*, mantendo-se a mesma tipologia frasal:
 - (17) Fernando brigou com Pedro.
 - Pedro brigou com Fernando / Os irmãos brigaram.

IGNÁCIO, S. E. The process of sentential derivation: a syntactic-semantic study about dynamic sentences of the contemporary written Portuguese of Brazil. *Alfa*, São Paulo, v. 38, p. 155-163, 1994.

- **ABSTRACT:** *The paper presents a syntactic-semantic description of main derivative structures in dynamic sentences of contemporary written Portuguese of Brazil, and discusses the several process and circumstances in which the derivations are realized.*
- **KEYWORDS:** *Original sentence; derivative sentence; syntactic process; semantic case; active sentence; processive sentence; active-processive sentence.*

Referências bibliográficas

- 1 CHAFE, W. L. *Significado e estrutura lingüística*. Trad. Maria H. M. Neves et al. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1979.
- 2 COOK, W. A. *Case grammar: development of the matrix model*. Washington: Georgetown University Press, 1979.
- 3 FILLMORE, C. J. The case for case. In: BACH, E., HARMS, R. (Ed.) *Universals in linguistic theory*. New York: Holt, Reinhart and Winston, 1968.
- 4 _____. Types of lexical information. In: KIEFER, F. (Ed.) *Studies in syntax and semantics*. Dordrecht: D. Reidel, 1969.
- 5 _____. The case for case reopened. In: COLE (Ed.) et al. *Syntax and semantics: grammatical relations*. New York: Academic Press, 1977. v. 8.
- 6 GARDINER, A. *The theory of speech and language*. 2. ed. Oxford: Clarendon, 1963.
- 7 PAUL, H. *Princípios fundamentais de história da linguagem*. Trad. Maria L. Sheman. Lisboa: Gulbenkian, 1970.
- 8 TESNIÈRE, L. *Éléments de syntaxe structurale*. 2. ed. Paris: Klincksieck, 1966.